

Leonor Rocha

ANTA DA TAPADA DO CASTELO (SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS, MARVÃO) NO QUADRO DAS PAISAGENS MEGALÍTICAS DO NORTE ALENTEJANO

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÂN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 75-92

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão

100

95

75

25

5

0

Título

**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**

(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição

Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação

Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico

Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

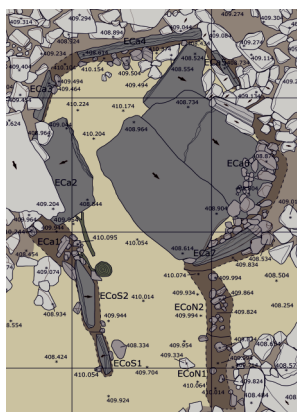
75

25

5

0

Leonor Rocha
(U.E/ECS; CEAACP¹)



ANTA DA TAPADA DO CASTELO (SANTO ANTÓNIO DAS AREIAS, MARVÃO) NO QUADRO DAS PAISAGENS MEGALÍTICAS DO NORTE ALENTEJANO

I. Introdução

A Arqueologia é, como sabemos, um campo do conhecimento em permanente construção ainda que, por vezes, com momentos de desconstrução, para se conseguir reformular e produzir novas teorias. Nesse sentido, o conhecimento que temos de um qualquer território, mais ou menos alargado, nunca se pode considerar como finito. Fatores vários podem impedir a identificação de novos sítios arqueológicos e, mesmo nos que já se encontravam registados, novas intervenções ou novas metodologias de análise podem aportar novos dados ou novos olhares.

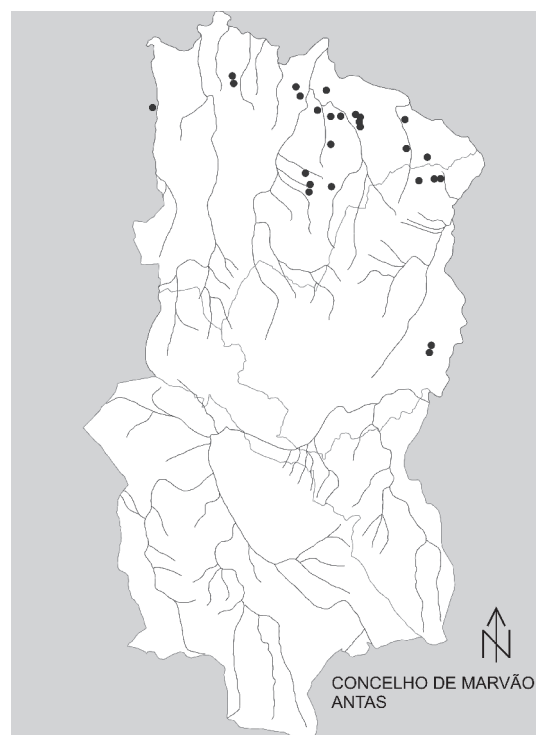
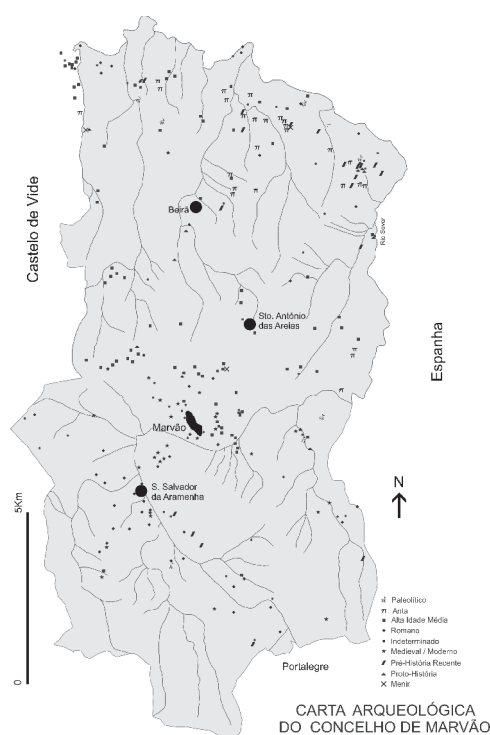


Figura 1. Mapa total de sítios arqueológicos de Marvão (1) e de dispersão dos monumentos megalíticos (2).
Sgd. Oliveira, 2017

De uma forma geral, os sítios registados/conhecidos permitem-nos já obter uma visão geral sobre o território do atual concelho de Marvão, integrá-los numa matriz cronológica e propor hipóteses relativas ao significado das estratégias de povoamento, em função das épocas, tendo como pano de fundo uma atenção particular aos recursos disponíveis, em cada tipo de paisagem (Oliveira, 1998, 2017; Oliveira *et al*, 2007; Rocha, 2018).

Um dos aspetos mais significativos relativamente aos vestígios da Pré-história Recente é a sua dispersão diferencial no território de Marvão. De facto, quando olhamos para o mapa (Fig. 1) verificamos que estes se concentram maioritariamente na metade Norte do concelho e, em relação ao megalitismo funerário, nas freguesias da Beirã e Santo António das Areias, certamente condicionados pela geomorfologia regional uma vez que é nesta área que ocorrem as grandes formações graníticas e os solos mais leves, fatores determinantes para a fixação das primeiras sociedades agro-pastoris.

2. Localização e caracterização

A Anta da Tapada do Castelo apresentava-se, em 2014, muito destruída, devido a ações de violações realizadas no decurso do séc. XX, de que se conhecia algum espólio, publicado em anteriores trabalhos de investigação neste concelho (Dias e Oliveira, 1981; Oliveira, 1997; Oliveira, Pereira e Parreira, 2007).

Assim, na Carta Arqueológica de Marvão refere-se "*Anta de planta poligonal regular (ds: 3,50 x 3,60m), possuindo dois esteios intactos e dois fracturados. Não se observam vestígios de chapéu, nem de corredor, talvez virado a nascente, reconhecendo-se alguns restos da mamoa. Este monumento encontra-se muito destruído, sofrendo diversas violações, das quais se destaca a da década de 30, levada a cabo por Pedro Pena, e a de 1972. Desta última foi possível recolher algum material que actualmente se encontra exposto no Museu Municipal de Marvão*" (Oliveira, Pereira e Parreira, 2007: 84). Uma década



mais tarde, quando visitámos o local, o monumento encontrava-se completamente encoberto pela vegetação e, até o ligeiro micro relevo da mamoa, passava despercebido (Fig. 2).

Figura 2. Aspetto do monumento, em 2014

Em termos geográficos, a anta da Tapada do Castelo situa-se, segundo a folha n.º 336 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25 000), nas seguintes coordenadas UTM (*datum* WGS84): Lat. (N): 39°45'30,14; Long. (W): -7°31'12,29; Alt.: 410 m. Implanta-se no limite Este de um topo aplanado, virado para o Rio Sever que corre a cerca de 1km de distância e que, nesta área, estabelece também a fronteira com Espanha (Fig. 3).

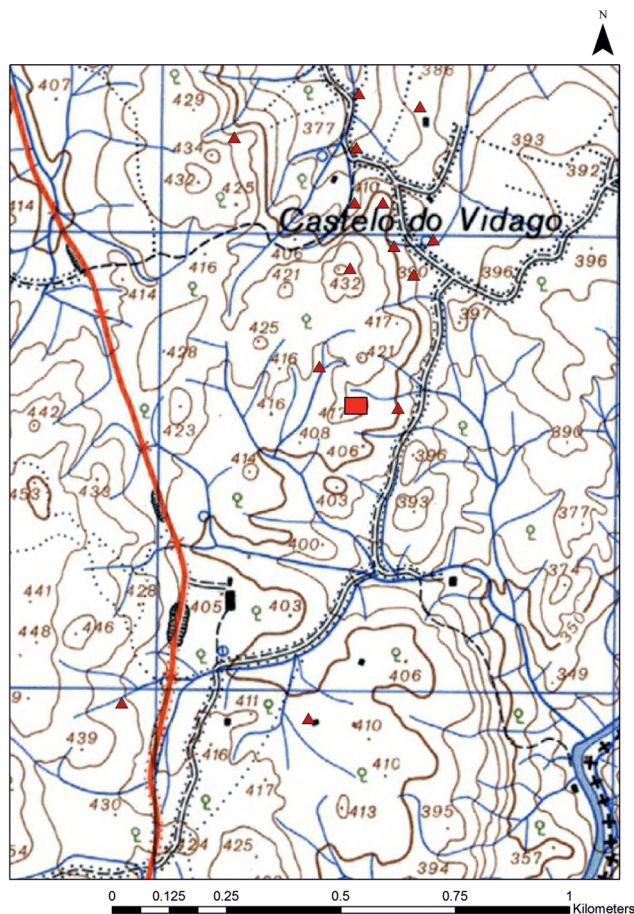


Figura 3. Localização da Anta da Tapada do Castelo (CNS: 250)

ANTA TAPADA DO CASTELO

Geologicamente, trata-se de uma área de transição entre duas grandes formações geológicas, as formações sedimentares e metamórficas representadas por xistos e grauvaques e, as formações das rochas eruptivas vulcânicas, com os granitos e rochas afins. As antas da Tapada do Castelo e Laje dos Frades situam-se sobre esta última formação que, nesta área, apresenta afloramentos rochosos com alguma volumetria e monumentalidade o que condiciona a visibilidade dos monumentos (Fig.2). É também sobre tipo de rochas que se encontra implantado todo o complexo arqueológico dos Vidais, que engloba vestígios de diferentes características e cronologia (Rocha, 2018).

Em termos hidrológicos, o conjunto arqueológico encontra-se a menos de 1km do Rio Sever (margem esquerda), que apresenta aqui uma intensa rede hidrográfica com pequenas linhas de água que se estendem à área em estudo (Fig. 3).

3. O Espaço e o Tempo, nos Vidais

A área dos Vidais apresenta um conjunto de vestígios arqueológicos, cronologicamente enquadráveis entre o Paleolítico e a Época Medieval/Moderna, com a presença de inúmeros abrigos, pequenos habitats, um povoado fortificado, alguns monumentos megalíticos funerários e arte rupestre ao ar livre, que atestam uma continuidade na utilização deste espaço durante um longo período de tempo (Oliveira, Pereira e Parreira, 2007; Rocha, 2018).

A anta da Tapada do Castelo era, sem dúvida, um monumento de dimensão média/grande – atendendo à altura de um dos esteios caídos no interior da câmara, do lado Norte que apresenta mais de 2m de comprimento – e encontra-se inserida numa área com um conjunto crono-culturalmente coevo, representativo das dinâmicas das comunidades megalíticas do Neolítico final e Calcolítico inicial desta região (Fig. 4). Incluem-se neste grupo, nas imediações, a anta da Tapada da Laje dos Frades, situada a cerca de 90m a Oeste, de menor dimensão, mas que se encontra ainda bem preservada em termos de arquitetura, apesar de também ter sido alvo de violações. No raio de 1600m encontram-se outros monumentos megalíticos funerários, a Nor-noroeste temos as antas da Enxeira dos Vidais (650m), a anta da Granja (1150m) e a anta dos Pombais (1600m) e, a Sudoeste, a anta

da Bola de Cera (825m), alguns dos quais já anteriormente intervençionados por Jorge de Oliveira (Oliveira, 1997; Oliveira, Pereira e Parreira, 2007).

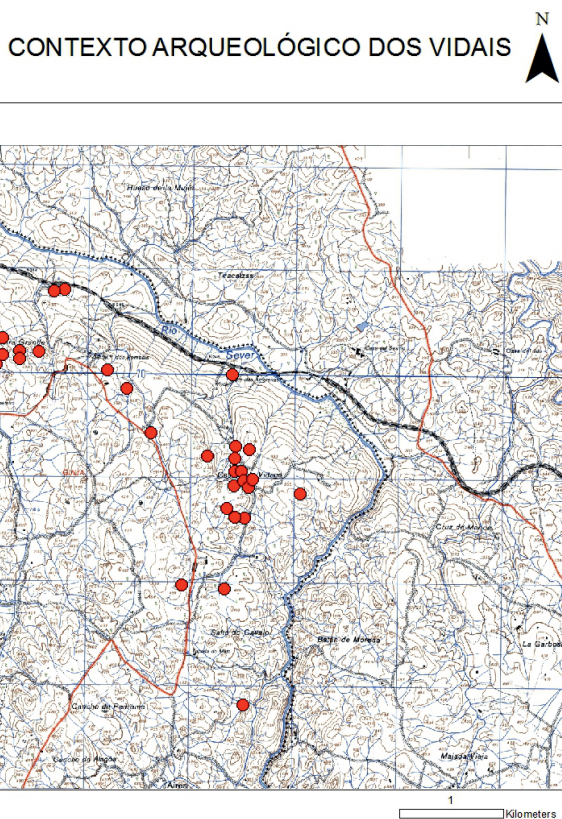


Figura 4. Contexto arqueológico da área da Anta da Tapada do Castelo



Figura 5. Afloramento onde se implanta o povoado proto-histórico do Castelo dos Vidais

A escolha do local de construção deste monumento remete-nos, evidentemente, para algumas das teorias existentes para a implantação de monumentos e sítios de habitat nas sociedades pré-históricas que têm dado aso a diferentes teorias interpretativas, umas mais de cariz economicista/funcional (Tilley, 1994), outras como sendo o resultado de construções sociais (Criado Boado e Villoch Vázquez, 1998), *Arqueologia Fenomenológica versus Arqueologia da Perceção*.

Na realidade, independentemente da nossa posição teórica, os monumentos devem ser vistos e lidos como construções na paisagem que representam diferentes tipos de identidades, são memórias que partilhamos mas que não conseguimos descodificar porque já não possuímos a "chave" para a sua leitura. Podemos pois realizar estudos sob as mais variadas perspetivas, espaciais, geológicas, cosmológicas, religiosas, determinar orientações, implantações preferenciais, entre muitas outras, tudo para explicar a escolha de um local em detrimento de outro... mas, como sabemos, por vezes, a explicação mais simples é a que está correta, como pode ter sido o caso da Anta da Tapada do Castelo, como veremos.

4. A Anta da Tapada do Castelo

4.1 Arquitetura

Este monumento apresentava, originalmente, câmara poligonal com sete esteios e corredor de comprimento indeterminado. Da câmara apenas se conservava um esteio *in situ*, do lado Sul, muito inclinado para o interior e partido. Os restantes esteios, deste lado, apresentavam-se truncados pela base, à altura do afloramento.



Figura 6. Aspeto dos esteios derrubados na câmara, lado Norte

Do lado Norte a situação era similar, com o esteio de cabeceira e um dos esteios do lado Norte, partidos ao nível do alvéolo. Os restantes estavam caídos no interior da câmara, em sobreposição (Fig. 6). Atendendo à dimensão destes, que são os únicos que não foram truncados pelos violadores, podemos supor que a câmara deveria possuir cerca de 2m de altura.

A área do corredor apenas se tornou perceptível no decurso da escavação, uma vez que se apresentava parcialmente coberta com os detritos (terras e pedras) das violações. Conservava um esteio do lado Sul, tendo os restantes alvéolos sido identificados apenas no decurso desta intervenção (Fig.7).



Figura 7. Alvéolo de um dos esteios do corredor, lado Norte [8]

A mamoa encontra-se relativamente bem preservada nos lados Norte, Oeste e Sul. Do lado Este, o afloramento encontra-se praticamente à superfície. Sobre a mamoa, sobretudo do lado NW da câmara e SE do corredor, existia um caos de blocos de granito, de diferentes dimensões, e terras, com algum espólio, provenientes das violações (Fig.8).



Figura 8. Aspeto da mamoa, lado Sul

4.2 Estratégia da intervenção

Os trabalhos realizados na Anta da Tapada do Castelo estavam inseridos num projeto de investigação em curso (PNTA "Arqueologia Rural do Sever I e II"²) que tinha por objetivo *"promover um estudo que tentasse compreender as diferentes estratégias e dinâmicas da fixação humana neste concelho tendo como principal referência geográfica o rio Sever"*. A intervenção neste local tinha como principal finalidade verificar da existência de níveis arqueológicos preservados e tentar obter uma planta deste monumento, atendendo ao seu estado de ruína. Considerava-se ainda a hipótese de se poderem vir a recolher materiais arqueológicos que, eventualmente, fornecessem datações radiométricas e/ou a recolha de materiais arqueológicos não orgânicos que pudessem vir a complementar os dados existentes de modo a consolidar as cronologias desta região.

A visita ao local, no início de 2014, permitiu-nos perceber que o monumento necessitava de trabalhos aprofundados de limpeza devido à vegetação que o rodeava e ao caos de blocos que se encontrava sobre o mesmo. Face a esta evidência, optou-se por solicitar o início dos trabalhos para o mês de Abril de modo a poder-se realizar, atempadamente, não só todos os trabalhos de limpeza mas, também, uma avaliação prévia do seu estado de conservação e estabelecer a metodologia de escavação (Fig.9).



Figura 9. Limpeza inicial do monumento, Abril de 2014

A escavação propriamente dita inicia-se apenas em Agosto do mesmo ano, com a marcação de uma quadrícula de 6m x 8m, subdividida em unidades de 2m², que englobava a estrutura interna do monumento e parte da estrutura tumular. Em 2015 a área foi ampliada, com a abertura de duas sondagens na área da mamoa, uma do lado Sul e outra do lado Oeste, de 3m x 2m (Fig. 10). No âmbito deste projeto já se havia procedido, anteriormente, ao levantamento topográfico desta área.

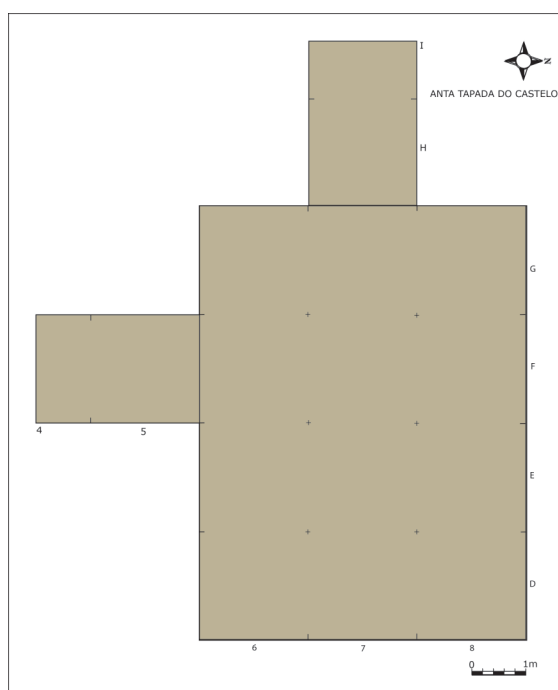


Figura 10. Identificação da área intervencionada

A escavação, que contou com a participação de investigadores e estudantes de Arqueologia da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora, decorreu assim durante os anos de 2014 e 2015³. Todos os trabalhos contaram com o apoio⁴ logístico e financeiro da Câmara Municipal de Marvão e apoio técnico e científico da Universidade de Évora, através do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro e dos centros de Investigação CHAIA e HERCULES.

A metodologia de escavação seguiu os princípios definidos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991), com a remoção das unidades sedimentares naturais que foram numeradas sequencialmente, em ordem ascendente a partir de [0].

Cada unidade estratigráfica foi descrita de acordo com as estruturas identificadas, as características do solo e o registo de materiais arqueológicos associados. Foram todas cotadas, desenhadas e fotografadas. As terras resultantes da escavação (e da violação) foram integralmente crivadas.

A limpeza inicial realizada permitiu desobstruir o interior do monumento revelando que este se encontrava mais destruído do que se suponha inicialmente. Estes trabalhos permitiram ainda constatar que, a nível da câmara, todo o lado Sul se encontrava partido/amputado e, do lado Norte, os esteios tinham caído, em sobreposição, para o interior da câmara. Esta sequência permite-nos supor que a violação se terá iniciado pelo lado Sul da câmara. Posteriormente, sem apoio e terras no interior, deu-se o desmoronamento, em sequência, dos esteios do lado Norte. Do corredor apenas se visualizava um esteio do lado Sul, amparado por uma pequena oliveira.

Sobre a mamoa, também do lado Sul, encontrava-se uma grande laje de granito, de funcionalidade indeterminada - poderá tratar-se de fragmento de um dos esteios ou de uma das tampas.

A escavação do monumento iniciou-se em toda a área delimitada pela quadrícula, com a decapagem da unidade superficial [0], que apresentava terras em regra pouco compactas, mas com grandes misturas de sedimentos, o que nos possibilitou diferenciar, desde logo, as unidades [1], [2], [3] e [4]. A escavação destas unidades confirmou a existência de um monumento completamente destruído, aparecendo, por vezes, alguns escassos materiais arqueológicos [3]. A escavação no interior da câmara atingiu logo o substrato rochoso dado que a potência estratigráfica desta unidade [3] era muito escassa, encontrando-se logo por baixo o afloramento granítico, muito alterado [6]. Do lado Sul da câmara a situação era similar, com a ausência do 1º esteio mas a permanência do seu alvéolo, escavado no granito degradado e com algumas pedras miúdas no interior [9]. Na mamoa, sobretudo no canto SE, o afloramento rochoso apresentava diferenças a nível da sua compacidade.

Em relação ao afloramento acabou por se verificar que, em alguns locais, o granito se apresentava extremamente compacto, tendo sido aproveitado para reduzir o investimento de construção da mamoa e, em outras áreas, encontra-se bastante degradado, o que possibilitou a abertura dos alvéolos dos esteios da câmara e do corredor, unidades [7], [8], [9], [10], [11], [12], [13], [14], [16] e [17].



Figura 11. Seixos talhados recuperados na [7]⁸

No caso do 1º esteio Norte do corredor que foi integralmente removido, restava apenas a sua fossa de implantação escavada no granito degradado [7], agora preenchida por algumas pedras, incluindo alguns seixos talhados, que seriam os calços do mesmo; nesta área foi também identificado um instrumento que deveria ter sido utilizado para escavar o afloramento (Fig.11).

A queda do 2º esteio da câmara acarretou o dismantelamento do seu alvéolo [8] do lado exterior (Norte), com a consequente elevação das pedras que se encontravam a preencher e consolidar o esteio no alvéolo. Entre estas pedras, encontrava-se um fragmento de dormente manual (Fig.12). De realçar que foram recolhidos/ identificados vários fragmentos de mós e/ou moventes inseridos nos alvéolos dos esteios, unidades [8], [9] e [12], por baixo dos esteios caídos na câmara, provavelmente também inseridos nos alvéolos e removidos no decurso do derrube dos mesmos, mas também na mamoa [5] (Fig.13).



Figura. 12. Fragmento de dormente inserido na [8]

O 2º esteio Sul da câmara, que se encontrava muito inclinado, acabou por tombar para o interior no decurso da escavação, apesar de se terem removido (mecanicamente) alguns dos grandes blocos que se encontravam a exercer pressão sobre o mesmo. Este derrube permitiu visualizar e compreender o modo de construção dos níveis de base da mamoa; as pedras, que se encontram nos níveis inferiores, estão misturadas com o afloramento degradado, mas também com alguns fragmentos de cerâmica manual. Esta evidência faz-nos colocar a hipótese de, para além de terem utilizado os restos do afloramento escavado, terem também utilizado terras recolhidas na área envolvente, onde existem evidências de um habitat (Rocha, 2018).



Figura. 13. Fragmento de dormente inserido na estrutura tumular

A limpeza dos alvéolos do 1º e 2º esteio da câmara (lado Sul), unidades [9] e [14] respetivamente, resultou na recolha de alguns fragmentos de cerâmica manual, lascas de quartzo e um fragmento de lâmina de quartzo. Note-se que a unidade [14] é muito superficial e irregular, à semelhança da base do próprio esteio que também se apresenta bastante irregular, o que terá contribuído para a sua fraca sustentabilidade.



Figura 14. Aspeto do último esteio da câmara, lado Norte

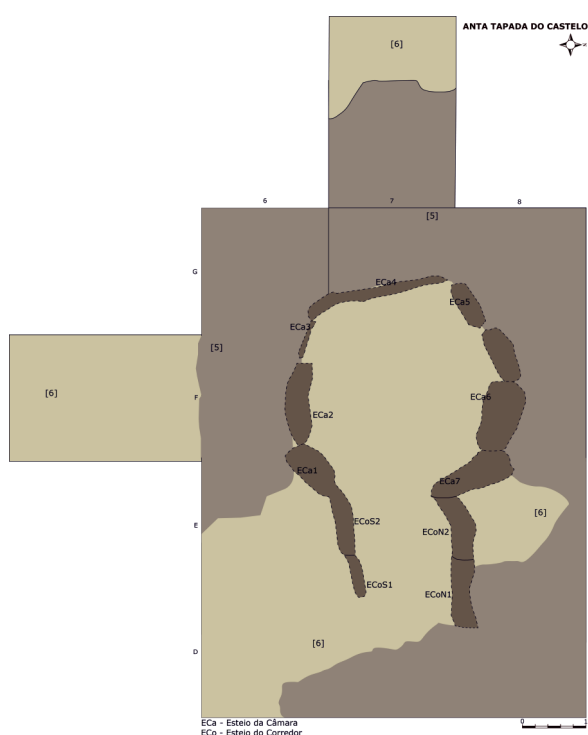


Figura 15. Planta da área escavada com implantação dos alvéolos

A limpeza e escavação da área da câmara possibilitou também compreender o seu modo de construção (Fig. 15 e 16). Todos os alvéolos foram escavados, individualmente, no granito degradado tendo a área da câmara sido deliberadamente rebaixada uma vez que, alguns dos esteios também encostavam ainda ao afloramento.

Em relação à mamoa, na sondagem do lado Oeste, verifica-se a existência de um único anel de pedras, de grande dimensão, que se prolonga por cerca de mais 2 m e que termina no afloramento. Nesta área recolheram-se alguns pequenos fragmentos de cerâmica manual, lascas de sílex, seixos talhados, percutores e um fragmento de

mó – estes inseridos no anel da mamoa.

Na sondagem do lado Sul não apareceram quaisquer pedras da mamoa; sob a [o] encontra-se logo o afloramento [6], a escassos centímetros de profundidade. Foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica manual.

No lado Este, à entrada do corredor existe uma linha de pedras de granito, de média dimensão. O seu mau estado de conservação não permitiu perceber se se tratava do anel de contenção da mamoa, tal como existe do lado

Oeste, ou da delimitação de um pequeno átrio. Nesta área, a unidade [4] surge sobre o afloramento e recolheu-se um pedaço de crânio de um indivíduo aparentemente jovem, assim como alguns fragmentos de cerâmica manual. Para além dos escassos fragmentos de ossos humanos recolhidos na área da mamoa, sobretudo do lado Sul do corredor [1], não se identificaram mais restos osteológicos.

3.3. Unidades Estratigráficas

[0] – Camada de terra superficial, pouco compacta, acastanhada, constituída maioritariamente por raízes, folhas secas e pasto.

[1] – Camada de terras resultantes da violação do monumento que se encontram depositadas no canto SE do monumento, sobre a mamoa. Apresenta terras pouco compactas e de tonalidade esbranquiçada (resultado da mistura com o afloramento em desagregação). Integra algumas pedras, de diferentes dimensões, amontoadas de forma caótica. Possui materiais arqueológicos fragmentados (cerâmicas e sílex) e algumas peças ósseas, de pequena dimensão.

[2] – Camada de terras resultantes da violação do monumento que se encontram depositadas no canto NW do monumento, pouco compactas e de tonalidade esbranquiçada (resultado da mistura com o afloramento em desagregação). Integra algumas pedras, de diferentes dimensões, amontoadas de forma caótica. Escasso espólio.

[3] – Camada de terras castanhas escuras, muito solta, definida no interior da câmara e início do corredor. Corresponde à primeira camada de ocupação do monumento, muito destruída. Com escasso espólio.

[4] – Camada de terras castanhas, muito soltas, subjacente à [0] na área da mamoa, encosta à [1] e [5], sobrepõe-se à [6]. Possui materiais arqueológicos fragmentados (cerâmicas e sílex) e algumas peças ósseas, de pequena dimensão.

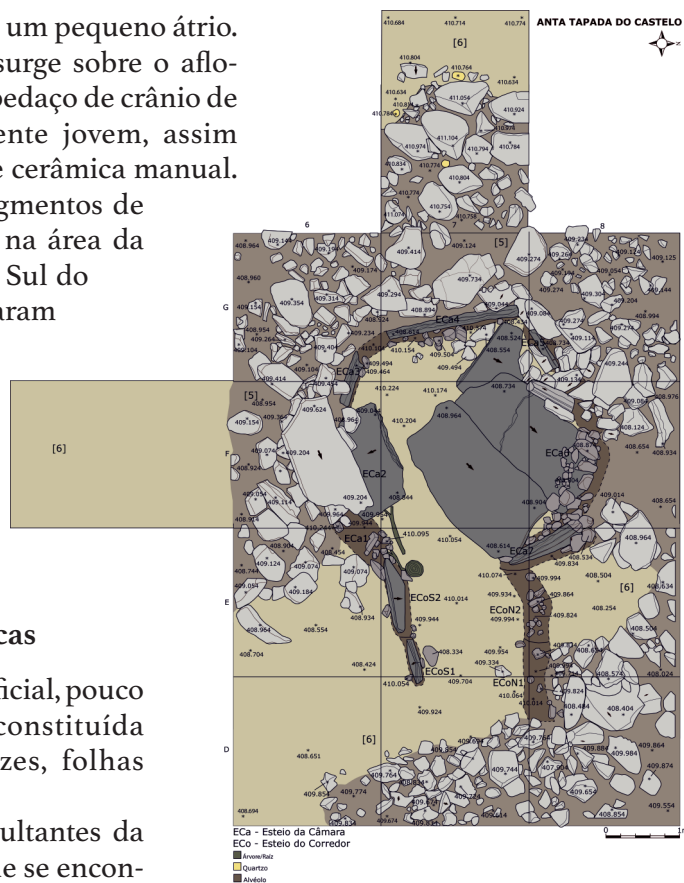


Figura 16 – Planta final

[5] – Conjunto de pedras de diferentes dimensões e composições, envolvidas por terras acastanhadas, que compõem a estrutura pétrea da mamoa. Encontra-se melhor preservada do lado Oeste do monumento.

[6] – Afloramento granítico que se apresenta em diferentes estados de conservação.

[7] – Fossa escavada no granito degradado e que corresponde ao alvéolo do 1º esteio, Norte, do corredor, junto à câmara. Possui algumas pedras de pequena dimensão no interior.

[8] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 6º esteio (Norte) da câmara. Possui, do lado exterior, um conjunto de pedras de média dimensão (incluindo um fragmento de dormente em granito). Correspondem às pedras do alvéolo que foram trazidas à superfície pela derrocada do esteio. No lado de dentro do alvéolo, para além de outras pedras, encontra-se um fragmento de movente.

[9] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 7º esteio (Norte) da câmara. Possui algumas pedras de pequena dimensão no interior - da câmara.

[10] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 4º esteio da câmara – esteio de cabeceira, cuja base se encontra *in situ*. Possui algumas pedras, de pequena dimensão, no lado virado para o interior da câmara.

[11] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 3º esteio (Sul) da câmara. Possui algumas pedras de pequena dimensão, no lado virado para o interior da câmara.

[12] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 1º esteio (Sul) da câmara. Possui algumas pedras de pequena dimensão, no lado voltado para o interior da câmara.

[13] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 2º esteio (Sul) da câmara. Possui algumas pedras de pequena dimensão, no lado virado para o interior da câmara. Esteio *in situ* no alvéolo.

[14] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 5º esteio (Norte) da câmara. Possui algumas pedras de pequena dimensão.

[15] – Conjunto de pedras de média dimensão que se concentram em frente ao esteio de cabeceira, a meio da câmara.

[16] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 2º esteio (Sul) do corredor. Possui algumas pedras de pequena dimensão. O esteio está parcialmente *in situ*.

[17] – Fossa escavada no granito degradado que corresponde ao alvéolo do 1º esteio (Sul) do corredor. Possui algumas pedras de pequena dimensão.

3.4. Medidas do Monumento

Todos os elementos constituintes (esteios/tampas) do monumento são de granito.

Medidas da Câmara:

Ø N/S: 2,80m / Ø E/W: 3m

Medidas dos Esteios/ Tampas (existentes):

Nº 1 – 1º Esteio da câmara do lado Norte. Caído no interior.

Comprimento: 1,95m; largura: 1,20m; espessura: 0,18m.

Nº 2 – 2º Esteio da câmara do lado Norte. Caído no interior.

Comprimento: 2,05m (visível); largura: 1,20m; espessura: 0,15m (visível).

Nº 3 – 3º Esteio da câmara do lado Norte. Caído no interior.

Comprimento: 0,90m (visível); 0,70m (visível); espessura: não visível.

Nº 4 – Esteio de cabeceira. Partido pela base quase à altura do afloramento.

Comprimento: 1,80m; altura: 0,10m; espessura: 0,15m.

Nº 5 – Esteio da câmara do lado Sul. Partido pela base quase à altura do afloramento.

5. Espólio

Em termos gerais, o espólio recolhido foi bastante escasso e muito fragmentado o que atesta também a dimensão da violação do monumento.

Foram identificados e recolhidos alguns pequenos fragmentos de cerâmica manual pré-histórica. Entre os líticos destaca-se a existência de quatro dormentes de mó manual (um inserido na [8], outro recolhido entre as pedras que se encontravam amontoadas no interior do monumento – poderia estar inserido num alvéolo destruído, um terceiro, encontrava-se no limite da mamoa, a Este e o quarto encontrava-se inserido na mamoa, do lado Sul), e de pedra lascada (fragmentos de lâminas e lamelas em sílex e pontas de seta).

Sobre a mamoa, sobretudo na área da entrada do corredor, lado Sul, foram recolhidos escassos restos osteológicos, muito fragmentados e em mau estado de conservação. O de maiores dimensões e um fragmento de dente de animal (provavelmente ovicaprídeo) foram enviados para datação de C14.

6. Algumas considerações sobre a Anta da Tapada do Castelo [mas não só...]

Apesar dos danos infligidos à Anta da Tapada do Castelo, as duas campanhas realizadas nos anos de 2014 e 2015, permitiram obter alguns dados interessantes, no contexto do megalitismo funerário desta área, uma vez que este monumento foi utilizado e reutilizado em momentos distintos, por populações que certamente já não partilhavam os mesmos rituais mágico-religiosos dos seus construtores.

1. Pela tipologia e pelos materiais recolhidos, quer no interior do monumento, quer nas terras depositadas sobre a mamoa, resultantes das múltiplas violações, podemos situar a sua construção (e primeira utilização), nos finais do IV milénio a.C. que se terá prolongado durante os primeiros séculos do III milénio a.C.;
2. A segunda fase, obtida apenas por datação de C14 (Quadro I) de um dente de herbívoro (provavelmente um ovicaprídeo), aponta para uma

reutilização na Idade do Bronze (campaniforme?), ou seja, cerca de mil anos após a sua construção. Lamentavelmente, desta ocupação não restaram quaisquer outras evidências materiais;

3. Volvidos mais de 1500 anos, regista-se uma nova reutilização, comprovada pela presença de um osso humano (por C14), desta vez, coeva da ocupação que se encontra bem documentada (ainda que superficialmente) no povoado dos Vidais, ou seja, da 2ª Idade do Ferro (Quadro I). Infelizmente, mais uma vez, temos uma datação, mas não obtivemos qualquer espólio que nos permita interpretar melhor esta presença, seguramente funerária, mas os dados não nos permitem ir mais além... Se tivermos em conta a sua localização, nas terras de violação depositadas sobre a mamoa, do lado SE da entrada do corredor, poderemos supor que este enterramento se situaria nesta área;
4. Poderíamos incluir, ainda dentro desta conjectura, terem existido mais inumações [e espólios], mais ou menos conservadas à data da violação, no séc. XX, atendendo aos restos osteológicos recolhidos nas terras da violação depositadas sobre a mamoa, nas unidades [1] e [4];
5. Também em termos de implantação estamos perante uma escolha bastante atípica, mas muito oportunística, uma vez que as populações pré-históricas escolheram, deliberadamente, uma área onde o afloramento granítico, por se apresentar bastante alterado, era mais fácil de perfurar. A escavação permitiu concluir que a localização da anta da Tapada do Castelo (e provavelmente a da Tapada da Laje) foi determinada pela existência de uma área mais propícia, onde o afloramento se apresentava com nuances em termos de consistência, facilitando não só a escavação das fossas dos alvéolos mas, também, um menor investimento na construção da estrutura pétrea da mamoa uma vez que utilizaram, em grande parte, o próprio afloramento granítico;
6. Apesar da estrutura tumular ser relativamente curta para a dimensão da câmara (na área melhor conservada, a Oeste, poderia ter cerca de 3m a partir do esteio de cabeceira), a utilização de grandes blocos a servir de contraforte final e também do próprio afloramento, garantiu a sua estabilidade. Regista-se ainda a reutilização (ou uso intencionalmente?) de moventes e dormentes nos alvéolos e na estrutura tumular;
7. A observação e avaliação da área envolvente por Patrícia Moita, geóloga do Laboratório HERCULES (Universidade de Évora), permitiu identificar vários blocos (esteios), cortados, sobre-elevados com pedras, no afloramento situado a escassas dezenas de metros, a Norte, mas que não chegaram a ser utilizados (Fig. 17).



Figura 17 – Lages cortadas sobre afloramento localizado no lado Norte do monumento

As datações obtidas refletem parte da complexa vida deste monumento, mas não só. Na realidade ao conseguirmos obter dados sobre as paleodietas, podemos também inferir sobre o que comiam, nesta altura, nesta região...

Ref. Laboratório	Beta - 409557	Beta – 506380
Amostra	Osso humano	Dente animal (ovicaprídeo?)
Datação Convencional	2270 +/- 30 BP	3560 +/- 30 BP
2 Calibrado Sigma	395 - 350 cal BC 2345 - 2300 cal BP	1980 - 1868 cal BC 3929 - 3817 cal BP
δ13C	-21.7 o/oo	-19.6 o/oo
δ15N		+6.4 o/oo

Quadro 1. Datações de C14 da Anta da Tapada do Castelo

Dos elementos ósseos remetidos para análise foi possível extrair colagénio para determinar os valores dos isótopos de carbono e de azoto, ($\delta^{13}\text{C}$ e de $\delta^{15}\text{N}$), expressos no Quadro 1. Estes dados são, como referi, importantes para se tentar compreender o tipo de dieta praticada (apesar de registar apenas os últimos 5 a 10 anos de vida), sendo que, no caso de $\delta^{13}\text{C}$, os valores para uma dieta 100% terrestre, deverão registar-se próximos de -20‰, o que é totalmente compatível com a datação obtida quer para o dente de animal (Beta – 506380), mas também para o osso humano (Beta – 409557), comprovando, neste caso, uma alimentação exclusivamente à base de produtos terrestres. Estes dados são confirmados também pelos valores obtidos para $\delta^{15}\text{N}$, neste caso apenas para o dente de

herbívoro, uma vez que não foi realizada esta análise, pelo laboratório no osso humano. Este parâmetro ($\delta^{15}\text{N}$) apresenta valores entre 4 e 10‰ no caso de dieta terrestre e, entre 10 e 22‰, para dietas marinhas (Richards e Hedges, 1999).

Apesar destes resultados serem expectáveis para este monumento, atendendo à sua localização, a centenas de quilómetros do oceano, refletem também, um aparente despreço a nível alimentar pelos recursos piscícolas, que certamente teriam disponíveis, no rio Sever.

Observando o conjunto de datações disponíveis para o concelho de Marvão (Oliveira, 1998) verificamos que a cronologia obtida através do dente de herbívoro (Beta – 506380), situada no último quartel do III milénio a.C., prolongando-se pelos inícios do milénio seguinte é estatisticamente compatível com as obtidas para uma das fases de ocupação da anta da Cabeçada 1 e das Castelhanas. Por outro lado, esta utilização/ ocupação da Idade do Bronze, não é de todo inédita em monumentos megalíticos funerários alentejanos (Gonçalves, 2003, 2006; Rocha, 2005), mas não obtivemos correspondência artefactual para a mesma. A presença de uma ocupação genericamente atribuída à Idade do Bronze, já tinha sido registada nos Vidais, mas a presença de uma eventual ocupação campaniforme não, apesar de estar comprovada a sua preferência, por reutilizações de sítios de altura, fortificados, de períodos anteriores (Calcolítico).

Por último, um dos aspetos mais *sui generis* deste monumento diz respeito à sua arquitetura, mais especificamente ao seu modo de construção e implantação. Como se referiu anteriormente, a escolha do local obedeceu, sem dúvida, a uma opção de natureza prática e não mágico – religiosa, uma vez que o facto de se implantar numa área onde o afloramento granítico se apresentava degradado condicionou a sua orientação e a sua visibilidade. Na realidade, a observação deste processo construtivo veio atestar que estas comunidades podiam selecionar o local de implantação dos monumentos, não em função de uma qualquer orientação religiosa ou posição estratégica, mas em função de escolhas mais práticas, como seja a facilidade de construir o monumento. Neste caso, optaram de uma forma clara por um local onde conseguiram encontrar o granito com diferentes estados de conservação que lhes permitiu, por um lado, aproveitar parte do afloramento, mais resistente, para a mamoa e, por outro, utilizar a parte mais degradada para escavar os alvéolos dos esteios. Também a estranha orientação da anta da Laje dos Frades poderá dever-se não a uma mudança de paradigma mágico-religioso, mas a uma escolha semelhante a esta.

A Anta da Tapada do Castelo possui pois uma história mais ou menos conturbada desde a sua construção, com vários episódios de reutilizações e/ou violações, alguns dos quais não foi possível datar, por falta de elementos, outros foram datados, mas não tivemos espólios. Mas, a sua escavação aportou novos e importantes contributos para o estudo do megalitismo funerário não só da freguesia de Santo António das Areias mas também a uma escala regional, permitindo-nos compreender melhor o tempo e o espaço, do atual território de Marvão.

100
95
75
25
5
0

Notas

- ¹ CEAACP/UALg - UID/ARQ/0281/2019 - FCT
- ² Coordenado pela signatária, Jorge de Oliveira, André Carneiro e Nelson Almeida
- ³ Participaram nos trabalhos de campo: Leonor Rocha (coordenação científica); Daniela Anselmo (Antropóloga), Patrícia Moita (Geóloga), Ana Leonor Cavaco (Arqueóloga), Estibaliz Polo (Arqueóloga), Gertrudes Branco (Arqueóloga), Adriana Lourenço, Ana Martins, Albertina Comendinhas, Alexandra Anselmo, Ariele Câmara, Carlos Santos, Joaquim Maças, Mónica Torres Pérez, Rita Abelho, Rute Jesus, Sofia Magalhães – estudantes de Arqueologia da Universidade de Évora; João Rocha, Tiago Calado e Guilherme Domingos (estudantes do Ensino Secundário).
- ⁴ Não podemos deixar de agradecer também à Santa Casa da Misericórdia de Santo António das Areias, a simpatia com que acolheu a equipa e aos proprietários a autorização para a realização dos trabalhos arqueológicos.

Bibliografia

- BRADLEY, R. (1993) - *Altering the earth. The origins of monuments in Britain and continental Europe*. Edinburgh: Society of Antiquaries of Scotland.
- CRIADO BOADO, F; VILLOCH VÁZQUEZ, V. (1998) - La monumentalización del paisaje: percepción y sentido original en el Megalitismo de la Sierra de Barbanza. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55:1, p. 63-80.
- GONÇALVES, V. S. (2003) – STAM 3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia*. 23. Lisboa: IPA.
- GONÇALVES, V. S. (2006) – Quelques questions autour du temps, de l'espace et des symboles mégalithiques du centre et sud du Portugal. *Origine et développement du mégalithisme de l'ouest de l'Europe (Bougon, 26-30 octobre 2002)*. Bougon, vol. 1, p. 485-510.
- OLIVEIRA, J. (1998) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Évora: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, J. (2017) – Do Rio Sever a Marvão – Um ensaio de arqueologia espacial. *Scientia Antiquitatis*. Évora, v. 1, n. 2, p. 317-343.
- OLIVEIRA, J; PEREIRA, S; PARREIRA, J. (2007) – Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão. *IBN MARUAN*. 14. Edições Colibri.
- RICHARDS, M.P; HEDGES, R.E.M. (1999) - Stable isotope evidence for similarities in the types of marine foods used by Late Mesolithic humans at sites along the Atlantic coast of Europe. *Journal of Archaeological Science*. 26, p. 717-722.
- ROCHA, L (2005) – As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.
- ROCHA, L. (2018) - Estratégias de povoamento no Complexo dos Vidais (Marvão, Portugal): os espaços habitacionais Neolíticos. *Scientia Antiquitatis*. Évora, v. 2, n. 2, p. 5-22.
- TILLEY, C. (1993) - *Interpretation and a poetics of the past*. In TILLEY, C., ed. - Interpretative archaeology. Oxford: Berg, p. 1-27.
- TILLEY, C. (1994) - *A phenomenology of landscape. Places, paths and monuments*. Oxford: Berg.